

CRIAÇÃO DE CARNEIRO DE CORTE

 Cursoslivres



Conceito e importância da ovinocultura de corte

A ovinocultura de corte é um ramo da produção agropecuária voltado à criação de ovinos com o objetivo principal de produção de carne. Trata-se de uma atividade que vem crescendo significativamente nas últimas décadas, especialmente em virtude da crescente demanda por alimentos de origem animal de alta qualidade e por sistemas produtivos sustentáveis e adaptáveis às diversas realidades climáticas e geográficas. No Brasil, essa atividade apresenta grande potencial de expansão, não apenas pelas características produtivas dos animais, mas também pela capacidade de utilização de áreas com pastagens nativas ou de baixa fertilidade, muitas vezes marginalizadas por outras formas de criação intensiva.

Conceitualmente, a ovinocultura de corte compreende o conjunto de práticas voltadas à seleção, manejo, reprodução, alimentação e sanidade dos ovinos destinados ao abate. A carne ovina, por sua vez, é valorizada por seu sabor marcante, composição nutricional equilibrada e, especialmente, por ser uma opção diferenciada frente a outras carnes mais consumidas como a bovina, suína e de frango. Este segmento da pecuária não se limita apenas à produção em larga escala, sendo uma alternativa viável também para pequenos e médios produtores, dada a rusticidade e adaptabilidade dos ovinos a diferentes sistemas de criação, desde os intensivos até os extensivos.

A importância da ovinocultura de corte se revela sob múltiplas perspectivas. Do ponto de vista econômico, ela representa uma fonte relevante de renda e geração de emprego em áreas rurais, contribuindo para o fortalecimento da economia local e regional. A criação de ovinos exige menor investimento inicial em relação a outras cadeias produtivas, como a bovinocultura, e apresenta ciclos produtivos mais curtos, o que permite maior rotatividade e retorno financeiro mais rápido. Além disso, a carne ovina tem alcançado espaços crescentes no mercado consumidor interno, com destaque para restaurantes especializados, feiras e supermercados voltados a produtos gourmet.

Do ponto de vista ambiental, a ovinocultura de corte também apresenta vantagens. Os ovinos, por seu tamanho e comportamento alimentar, exercem menor pressão sobre o solo e sobre a vegetação, podendo contribuir para o manejo sustentável de áreas de pastagem e para a recuperação de ecossistemas degradados. Além disso, a criação de ovinos pode ser integrada a sistemas agroecológicos, como a lavoura-pecuária-floresta, promovendo maior diversidade e sustentabilidade no uso da terra.

Outro aspecto relevante é o sociocultural. Em diversas regiões do Brasil, como o Nordeste semiárido, a ovinocultura tem forte vínculo com a identidade local e com os modos de vida tradicionais, sendo uma atividade culturalmente enraizada e historicamente valorizada. Nesses contextos, a criação de carneiros não é apenas uma estratégia de sobrevivência econômica, mas também um símbolo de pertencimento e resistência social, especialmente entre comunidades de agricultores familiares.

Cabe ressaltar, no entanto, que para o pleno desenvolvimento da ovinocultura de corte no Brasil, são necessários investimentos em assistência técnica, capacitação dos produtores, melhoramento genético e acesso a mercados. Ainda há desafios quanto à padronização da produção, à criação de estruturas de abate adequadas e à organização de cadeias produtivas eficientes. A superação dessas limitações poderá consolidar a ovinocultura como uma alternativa sólida e sustentável dentro do agronegócio brasileiro.

Portanto, a ovinocultura de corte, além de ser uma atividade promissora no cenário econômico rural, se destaca por sua versatilidade produtiva, por sua contribuição à segurança alimentar e nutricional, e por seu potencial de promover o desenvolvimento sustentável em diferentes contextos regionais. Com políticas públicas adequadas e incentivo à pesquisa e à inovação, o setor tende a crescer, fortalecer-se e ocupar papel cada vez mais estratégico no mosaico agropecuário nacional.

Referências bibliográficas

ABCS – Associação Brasileira de Criadores de Suínos. *Manual de boas práticas na criação de ovinos*. Brasília: ABCS, 2018.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Criação de ovinos de corte: tecnologias e práticas sustentáveis*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

SANTOS, N. M.; LIMA, M. F. *Ovinocultura de corte: fundamentos da produção sustentável*. Recife: EDUFRPE, 2019.

SILVA, F. A.; OLIVEIRA, M. E. *Produção de carne ovina no Brasil: desafios e oportunidades*. Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2021.



Diferenças entre carneiros, ovelhas e cordeiros

A criação de ovinos tem ganhado cada vez mais destaque nas atividades agropecuárias brasileiras, especialmente pela sua versatilidade produtiva e potencial de geração de renda. No entanto, para o bom entendimento da ovinocultura, é fundamental compreender as diferenças entre os principais termos utilizados na classificação dos animais: carneiros, ovelhas e cordeiros. Essas designações não são apenas nomenclaturas populares, mas sim categorias com base em sexo, idade e função reprodutiva dos animais, influenciando diretamente no manejo, na produção e na comercialização dentro da cadeia produtiva.

O **carneiro** é o macho adulto da espécie ovina, geralmente com idade superior a um ano, e que já atingiu a maturidade sexual. É comumente utilizado como reprodutor nos rebanhos voltados tanto para a produção de carne quanto para melhoramento genético. Os carneiros apresentam características físicas distintas, como maior porte, musculatura mais desenvolvida e, em algumas raças, presença de chifres. Em termos comportamentais, os carneiros tendem a ser mais territoriais e agressivos, especialmente durante a época de monta, exigindo manejo cuidadoso. Além de sua função reprodutiva, os carneiros também podem ser destinados ao abate, embora esse uso seja menos comum devido à maior idade e à possível alteração nas características organolépticas da carne.

A **ovelha**, por sua vez, é a fêmea adulta da espécie ovina. Assim como o carneiro, ela é considerada adulta a partir de um ano de idade ou após o primeiro parto. As ovelhas são fundamentais para a manutenção do rebanho, sendo responsáveis pela gestação e aleitamento dos cordeiros. Em sistemas de produção, a eficiência reprodutiva das ovelhas é um fator determinante para o sucesso econômico da atividade. As ovelhas possuem porte geralmente menor do que os carneiros, são mais dóceis e apresentam comportamento de grupo mais estável. Sua carne pode ser aproveitada comercialmente, mas, de maneira semelhante aos carneiros adultos, o consumo é mais restrito em função da textura e do sabor mais acentuado, preferido por nichos específicos do mercado consumidor.

Já o **cordeiro** é o ovino jovem, de ambos os sexos, geralmente com até 12 meses de idade, que ainda não atingiu a maturidade sexual. É nessa fase que se encontra o principal interesse da ovinocultura de corte, pois a carne de cordeiro é considerada mais tenra, saborosa e de fácil aceitação no mercado. Do ponto de vista zootécnico, a fase de cordeiro é determinante para o manejo nutricional e sanitário, já que as decisões tomadas nesse período influenciam diretamente no desempenho produtivo e na qualidade da carne. A precocidade do cordeiro, sua taxa de ganho de peso e a conversão alimentar são variáveis-chave para a lucratividade da atividade. Além disso, a comercialização de cordeiros é favorecida pela padronização do peso e da idade no momento do abate, facilitando o acesso aos mercados mais exigentes.

A distinção entre essas categorias também possui implicações legais e comerciais, pois influenciam na tributação, nas normas sanitárias, nas exigências de transporte e nas estratégias de comercialização. Em diversos países, incluindo o Brasil, legislações específicas definem limites etários para considerar um animal como cordeiro, o que impacta diretamente no preço de mercado. Além disso, é comum que criadores façam a diferenciação de manejo nutricional e sanitário conforme a categoria animal, respeitando as especificidades fisiológicas e produtivas de cada grupo.

Por fim, é importante mencionar que o uso correto dos termos carneiro, ovelha e cordeiro favorece a comunicação técnica entre os diversos atores da cadeia produtiva, como criadores, veterinários, técnicos, pesquisadores e consumidores. A clareza na identificação das categorias animais contribui para a melhoria do planejamento zootécnico, para o controle de desempenho do rebanho e para o aperfeiçoamento das práticas de manejo.

Em resumo, carneiros são os machos adultos, geralmente utilizados para reprodução; ovelhas são as fêmeas adultas, essenciais para a perpetuação do rebanho; e cordeiros são os animais jovens, de ambos os sexos, que ainda não alcançaram a maturidade sexual e representam a principal fonte de carne de qualidade na ovinocultura. Compreender essas diferenças é um passo fundamental para quem deseja ingressar ou aprimorar-se na criação de ovinos de corte.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Manual de ovinocultura: princípios de criação de ovinos de corte*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2021.

RIBEIRO, M. N.; SILVA, M. R. *Produção de ovinos de corte em sistemas semiáridos*. Petrolina: IF Sertão-PE, 2019.

SANTOS, M. V.; PIRES, C. C. *Manejo e produção de cordeiros: fundamentos práticos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

SILVA, J. M.; GOMES, A. R. *Criação de ovinos: práticas essenciais para pequenos e médios produtores*. São Paulo: SENAR-SP, 2018.



Panorama da produção de ovinos de corte no Brasil e no mundo

A ovinocultura, especialmente voltada para a produção de carne, tem assumido papel relevante no cenário agropecuário global, tanto em termos econômicos quanto sociais. A criação de ovinos é uma atividade milenar, amplamente difundida em diversas regiões do mundo, com grande diversidade de sistemas produtivos e realidades socioeconômicas. Atualmente, a carne ovina representa uma alternativa nutricional e comercial importante, principalmente em países com tradições alimentares fortemente associadas ao consumo de carne de cordeiro. No Brasil, embora ainda não ocupe o mesmo patamar das cadeias da bovinocultura, suinocultura e avicultura, a ovinocultura de corte apresenta grande potencial de crescimento, impulsionada por aspectos como rusticidade dos animais, adaptações climáticas e nichos de mercado promissores.

No contexto mundial, os maiores rebanhos ovinos estão concentrados em regiões com ampla tradição pastoril e clima propício ao manejo extensivo. Países como China, Índia, Austrália, Irã, Sudão e Nova Zelândia se destacam não apenas pelo tamanho do rebanho, mas também por sua capacidade produtiva e organização das cadeias de valor. A Austrália e a Nova Zelândia, em particular, são referências mundiais em termos de produtividade, qualidade da carne e exportação. Esses países desenvolveram sistemas tecnificados de produção, com ênfase no melhoramento genético, manejo nutricional e bem-estar animal, permitindo o fornecimento de carne ovina para mercados exigentes da Europa, Ásia e Oriente Médio. Nessas regiões, o cordeiro é amplamente consumido, tanto por razões culturais quanto por preferência culinária.

No Oriente Médio e no norte da África, a carne de ovinos é componente central da dieta, sendo associada a rituais religiosos, festividades e tradições seculares. Nesses países, mesmo com produção local significativa, a demanda interna supera a oferta, incentivando a importação de carne congelada ou resfriada de países exportadores. Na Europa, embora o consumo seja mais moderado, há forte valorização da qualidade e da

rastreabilidade da produção, com incentivos à criação local e políticas voltadas ao bem-estar animal.

O Brasil, apesar de possuir uma das maiores áreas agricultáveis do mundo e uma tradição agropecuária consolidada, ainda ocupa uma posição secundária no cenário mundial da ovinocultura. O rebanho nacional de ovinos gira em torno de 20 milhões de cabeças, concentrando-se principalmente nas regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste. O Rio Grande do Sul é o estado com maior número de animais, seguido pela Bahia, Ceará e Pernambuco. No Sul, predomina a criação de ovinos para lã, embora a carne também tenha importância crescente. Já no Nordeste, devido às condições climáticas e à rusticidade das raças adaptadas, a produção de carne é o principal objetivo.

Apesar das condições favoráveis de solo, clima e vegetação, a ovinocultura brasileira ainda enfrenta desafios estruturais que limitam sua competitividade internacional. Entre os principais obstáculos estão a baixa tecnificação, a carência de políticas públicas específicas, a deficiência em infraestrutura de abate e beneficiamento, e a fragilidade das cadeias produtivas locais. Além disso, o consumo de carne ovina no Brasil ainda é restrito a nichos de mercado, como restaurantes especializados, feiras regionais e consumidores de alto poder aquisitivo.

Entretanto, há sinais positivos de mudança. O aumento da demanda por proteínas alternativas, a valorização de alimentos diferenciados e o crescimento da gastronomia regional têm impulsionado o consumo de carne ovina no país. Iniciativas como programas de melhoramento genético, feiras agropecuárias e incentivos ao cooperativismo têm contribuído para o fortalecimento do setor. Além disso, universidades, centros de pesquisa e instituições como a Embrapa têm desenvolvido tecnologias e publicações voltadas à melhoria da produtividade e da sanidade dos rebanhos, contribuindo para a profissionalização da atividade.

A perspectiva para a ovinocultura de corte no Brasil é de expansão, especialmente se houver integração entre os elos da cadeia produtiva, com investimentos em capacitação, infraestrutura e acesso a mercados. A adoção de práticas sustentáveis e a valorização de produtos de origem garantida

também podem diferenciar a produção nacional, tanto no mercado interno quanto em futuras oportunidades de exportação.

Portanto, o panorama da produção de ovinos de corte evidencia contrastes significativos entre países líderes mundiais e regiões em desenvolvimento como o Brasil. No entanto, as oportunidades são expressivas e passam pela superação de gargalos produtivos, pela valorização da carne ovina como alimento de qualidade e pela articulação entre produtores, instituições públicas e agentes do mercado.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Panorama da Ovinocultura no Brasil*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. *FAOSTAT: Livestock Primary*. Roma: FAO, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat>

RIBEIRO, N. L.; COSTA, R. G. *Produção de ovinos no Brasil: desafios e perspectivas*. Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável, v. 10, n. 1, p. 33-47, 2022.

SILVA, C. J.; MEDEIROS, A. N. *Cadeia produtiva da carne ovina no Brasil: estrutura, desafios e oportunidades*. João Pessoa: UFPB, 2021.

Principais raças de carneiros de corte (Dorper, Santa Inês, Texel, entre outras)

A escolha da raça é uma das decisões mais importantes na criação de carneiros de corte, pois influencia diretamente no desempenho produtivo, na adaptabilidade ao ambiente, no tipo de manejo necessário e, especialmente, na qualidade da carne oferecida ao mercado. As raças ovinas destinadas ao corte possuem características específicas, como precocidade, ganho de peso, conformação de carcaça e rusticidade. No Brasil, destacam-se as raças Dorper, Santa Inês e Texel, além de outras com menor representatividade, mas também relevantes em contextos regionais e produtivos específicos.

A raça **Dorper**, originária da África do Sul, é resultado do cruzamento entre o Dorset Horn e o Persian Blackhead. Foi desenvolvida com o objetivo de obter animais de carne adaptados a condições áridas e de baixa qualidade de pastagem. Trata-se de uma das raças mais populares entre os produtores brasileiros devido à sua notável capacidade de ganho de peso, rusticidade e adaptabilidade. Os carneiros Dorper são conhecidos pela excelente conformação de carcaça, alto rendimento de corte e por apresentarem uma carne de sabor suave e textura macia, com baixa cobertura de gordura. Outra vantagem é a sua pelagem curta e mista (lã e pelo), que não exige tosa, reduzindo custos e facilitando o manejo. Essa raça se adapta bem a diferentes climas brasileiros, inclusive ao semiárido nordestino e ao cerrado, o que explica sua ampla difusão no país.

A **Santa Inês** é uma raça brasileira, desenvolvida a partir do cruzamento entre ovinos nativos com raças exóticas como Bergamácia, Morada Nova e Somalis. É considerada a principal raça nativa de corte no Brasil e se destaca por sua resistência a parasitas, adaptabilidade a condições climáticas tropicais e boa habilidade materna. Embora apresente menor rendimento de carcaça quando comparada ao Dorper, a Santa Inês possui boa prolificidade e excelente desempenho reprodutivo, o que favorece a renovação constante do rebanho. Sua carne é valorizada por apresentar menor teor de gordura e bom sabor, sendo aceita em diversos mercados consumidores. Além disso, seu porte avantajado e a rusticidade natural a tornam ideal para sistemas de criação extensiva, especialmente em regiões com clima quente e úmido.

A raça **Texel**, originária da ilha de mesmo nome nos Países Baixos, é altamente valorizada por suas qualidades carniceiras. Os carneiros Texel possuem grande musculatura, carcaça compacta e alta eficiência alimentar. Apesar de serem menos adaptados às condições tropicais do Brasil, vêm sendo utilizados com sucesso em cruzamentos industriais, especialmente em regiões de clima mais ameno. A carne Texel é apreciada por sua textura firme, sabor suave e excelente marmoreio, o que garante maior valorização comercial. No entanto, exige maior cuidado com o manejo sanitário, nutrição balanceada e instalações adequadas, características que tornam sua criação mais indicada para sistemas semi-intensivos e intensivos.

Além das raças mencionadas, outras também possuem importância no cenário da ovinocultura de corte. A **Ile de France**, de origem francesa, é uma raça carniceira com boa adaptação ao clima brasileiro, destacando-se pelo rápido crescimento e excelente rendimento de carcaça. O **Suffolk**, de origem inglesa, apresenta boa velocidade de crescimento, carne de qualidade e rusticidade razoável, sendo muito utilizado em cruzamentos para produção de cordeiros de abate precoce. Já a **Morada Nova**, raça nativa do Nordeste brasileiro, é conhecida por sua extrema rusticidade e adaptabilidade ao semiárido, embora tenha menor desempenho de carcaça. Ainda assim, vem sendo valorizada por seu papel na preservação genética e em sistemas de produção familiar.

O uso de cruzamentos entre raças tem sido uma prática comum entre os criadores brasileiros, com o objetivo de combinar características desejáveis, como a rusticidade da Santa Inês com o desempenho carnicero do Dorper ou do Texel. Essa estratégia permite a obtenção de cordeiros com maior peso ao desmame, melhor acabamento de carcaça e maior resistência às condições ambientais locais.

A escolha da raça ou do sistema de cruzamento deve considerar, portanto, fatores como o objetivo produtivo, as condições ambientais da propriedade, os recursos disponíveis para manejo e nutrição, além das exigências do mercado consumidor. É importante que o produtor esteja atento às especificidades genéticas de cada raça e busque orientação técnica especializada, a fim de maximizar os resultados produtivos e garantir a sustentabilidade econômica da atividade.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Raças de ovinos para corte no Brasil*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

SILVA, M. R.; SOUSA, W. H. *Melhoramento genético de ovinos de corte: raças e cruzamentos*. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2019.

RIBEIRO, N. L.; COSTA, R. G. *Ovinocultura de corte: manejo, raças e mercado*. João Pessoa: UFPB, 2021.

SANTOS, L. M.; OLIVEIRA, M. E. *Manual prático de criação de ovinos de corte*. São Paulo: SENAR-SP, 2020.



Características produtivas e adaptabilidade na ovinocultura de corte

Na ovinocultura de corte, compreender as características produtivas e os aspectos de adaptabilidade dos animais é essencial para garantir o sucesso da criação, a eficiência do sistema produtivo e a sustentabilidade da atividade. Tais características referem-se à capacidade dos ovinos em expressar desempenho zootécnico satisfatório em diferentes condições de manejo, alimentação e clima, e influenciam diretamente na escolha das raças, no planejamento das etapas de produção e na obtenção de carcaças de qualidade.

As **características produtivas** mais valorizadas na criação de carneiros de corte incluem a taxa de crescimento, a eficiência alimentar, a precocidade, o rendimento de carcaça, a qualidade da carne, a prolificidade e a longevidade produtiva. A taxa de crescimento está relacionada ao ganho de peso diário dos cordeiros, desde o nascimento até o abate. Raças com crescimento rápido possibilitam ciclos produtivos mais curtos, menor custo de manutenção e maior retorno econômico. A eficiência alimentar refere-se à capacidade do animal de transformar alimento em massa corporal, o que impacta diretamente na redução de despesas com ração e suplementos.

A **precocidade sexual e de terminação** também é um atributo importante, pois determina a idade em que os cordeiros atingem o peso ideal de abate com boa conformação muscular. Raças mais precoces permitem maior número de lotes por ano, otimizando o uso da infraestrutura disponível. Já o rendimento de carcaça expressa a proporção entre o peso vivo do animal e o peso útil da carne obtida após o abate, sendo uma métrica essencial na avaliação econômica da criação. A qualidade da carne, por sua vez, envolve aspectos sensoriais como sabor, textura, suculência e teor de gordura, os quais influenciam diretamente na aceitação do produto pelos consumidores.

Outro fator produtivo relevante é a **prolificidade**, ou seja, a capacidade das fêmeas de gerarem múltiplos cordeiros por parto. Raças com alta prolificidade permitem maior reposição do rebanho e incremento da produção sem necessidade proporcional de aumento de matrizes. A

longevidade produtiva, ou a capacidade dos animais se manterem saudáveis e férteis por vários ciclos reprodutivos, também é um diferencial competitivo, principalmente em sistemas de produção de base familiar ou com poucos recursos.

Paralelamente às características produtivas, a **adaptabilidade** dos ovinos a diferentes condições ambientais é um critério decisivo, sobretudo em um país de dimensões continentais e com variabilidade climática como o Brasil. A adaptabilidade engloba a resistência a doenças e parasitas, a tolerância ao calor ou ao frio, a capacidade de aproveitar pastagens de baixa qualidade, e a resiliência frente a variações no manejo alimentar. Animais bem adaptados exigem menos intervenções sanitárias, apresentam melhor desempenho reprodutivo e suportam flutuações nos recursos disponíveis sem comprometer a produtividade.

Raças como a **Santa Inês**, nativa do Brasil, demonstram alta adaptabilidade às regiões tropicais e semiáridas, apresentando resistência natural a endoparasitas e boa conversão alimentar mesmo em pastagens mais rústicas. O **Dorper**, embora de origem africana, adaptou-se bem ao clima brasileiro, inclusive ao cerrado e ao semiárido, mantendo boa produtividade com manejo relativamente simples. Já raças como o **Texel** e o **Ile de France**, de origem europeia, exigem maiores cuidados com o ambiente e a nutrição, sendo mais indicadas para regiões de clima temperado ou para sistemas semi-intensivos e intensivos.

O sucesso da produção ovina está na conjugação entre desempenho produtivo e adaptabilidade. Animais que crescem rapidamente, produzem carne de qualidade, são férteis e se mantêm saudáveis em condições adversas representam o perfil ideal para sistemas economicamente viáveis e ambientalmente sustentáveis. Nesse sentido, o manejo adequado, o uso de cruzamentos estratégicos e a seleção genética direcionada a essas características tornam-se ferramentas fundamentais na construção de um rebanho eficiente.

A escolha de raças e linhagens deve, portanto, levar em consideração as condições locais de criação, os objetivos do sistema produtivo, a disponibilidade de recursos alimentares e o perfil do mercado consumidor. Criadores bem informados e tecnicamente assessorados têm melhores condições de desenvolver sistemas produtivos equilibrados, que maximizem o potencial genético dos animais e respeitem os limites impostos pelo meio ambiente.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Raças de ovinos adaptadas ao Brasil: desempenho produtivo e adaptabilidade*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

SANTOS, N. M.; LIMA, M. F. *Manejo e melhoramento genético de ovinos de corte*. Recife: EDUFRPE, 2019.

SILVA, F. A.; RIBEIRO, M. N. *Avaliação do desempenho produtivo e da adaptabilidade de raças ovinas no semiárido brasileiro*. Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável, v. 11, n. 3, p. 71-84, 2022.

COSTA, R. G.; SOUSA, W. H. *Nutrição e sanidade de ovinos em sistemas de corte: fundamentos e práticas recomendadas*. João Pessoa: UFPB, 2021.

Critérios para escolha da raça conforme o sistema de produção na ovinocultura de corte

A escolha adequada da raça de ovinos é um dos fatores mais estratégicos na implantação e condução de sistemas de produção voltados para a criação de carneiros de corte. Esse processo deve considerar uma série de critérios técnicos, econômicos e ambientais, visando alinhar as características genéticas dos animais às condições de manejo, aos objetivos produtivos e às exigências do mercado consumidor. Selecionar a raça mais adequada ao sistema de produção pode representar a diferença entre uma atividade rentável e uma experiência limitada por baixa produtividade e altos custos de manutenção.

Entre os principais critérios a serem considerados na escolha da raça estão: o **clima e a localização geográfica**, a **infraestrutura disponível**, o **nível tecnológico do sistema de produção**, os **recursos alimentares**, a **mão de obra**, o **mercado-alvo**, além das **características genéticas e fenotípicas** das raças disponíveis.

No que se refere ao **clima**, raças como a Santa Inês e a Morada Nova apresentam elevada resistência ao calor, à umidade e aos parasitas internos, sendo amplamente recomendadas para regiões tropicais e semiáridas. Já raças de origem europeia, como Texel, Ile de France e Suffolk, demonstram melhor desempenho em climas mais amenos e em sistemas com maior controle ambiental. A rusticidade e a adaptabilidade ao ambiente natural reduzem a necessidade de intervenções sanitárias e estruturais, diminuindo os custos operacionais, o que é especialmente relevante em propriedades de pequeno e médio porte com recursos limitados.

Outro fator determinante é o **nível de intensificação do sistema produtivo**. Em sistemas **extensivos**, onde os animais são criados em grandes áreas de pastagem com manejo simplificado, deve-se priorizar raças rústicas, com boa capacidade de forrageamento, resistência a doenças e facilidade de parto. A Santa Inês, por exemplo, é altamente recomendada nesse tipo de sistema. Em sistemas **semi-intensivos**, onde há suplementação alimentar e maior

controle reprodutivo, é possível trabalhar com raças como Dorper e Ile de France, que aliam bom desempenho em ganho de peso com adaptabilidade razoável. Já em sistemas **intensivos**, com confinamento, nutrição balanceada, controle sanitário rigoroso e cruzamentos dirigidos, raças especializadas em carne como Texel e Dorper podem expressar todo o seu potencial genético, garantindo maior rendimento de carcaça e retorno econômico mais rápido.

A **disponibilidade de alimentos** também deve ser considerada. Raças mais exigentes do ponto de vista nutricional, como Texel e Ile de France, demandam dietas balanceadas e de alta qualidade para atingirem os padrões de desempenho esperados. Nessas situações, o produtor precisa contar com acesso a volumosos de boa qualidade, suplementação energética e estrutura de armazenagem. Por outro lado, raças como Santa Inês e Morada Nova conseguem manter desempenho satisfatório mesmo em pastagens de média a baixa qualidade, sendo ideais para sistemas mais simples e com menos insumos.

Outro critério relevante é o **objetivo zootécnico principal** do sistema de produção. Quando o foco está na **produção de cordeiros para o abate precoce**, raças com alto desempenho de crescimento e bom rendimento de carcaça são prioritárias. Nesses casos, Dorper, Texel e seus cruzamentos são amplamente utilizados. Quando o objetivo é a **reprodução e manutenção do plantel**, características como fertilidade, habilidade materna e longevidade tornam-se essenciais. A Santa Inês destaca-se por sua boa prolificidade e capacidade materna, sendo frequentemente utilizada como matriz em cruzamentos industriais com raças mais especializadas em carne.

A **demanda do mercado consumidor** também influencia diretamente na escolha da raça. Em regiões onde há maior valorização da carne tenra e de sabor suave, como em centros urbanos com consumo gourmetizado, cordeiros Dorper ou Texel tendem a obter maior aceitação. Já em localidades com tradição no consumo de carne ovina mais forte e com menor preocupação com padrão de carcaça, outras raças ou cruzamentos menos exigentes podem ser mais vantajosos economicamente.

Por fim, é importante considerar a **logística de acesso à genética**, ou seja, a facilidade de aquisição de reprodutores, matrizes ou sêmen das raças selecionadas. A presença de associações de criadores, feiras agropecuárias e centros de multiplicação genética regionais pode facilitar a formação e renovação do rebanho, além de garantir acesso a informações técnicas, treinamentos e suporte contínuo.

Assim, a escolha da raça não deve ser pautada apenas na popularidade ou no desempenho isolado, mas sim em uma análise integrada das condições da propriedade, dos recursos disponíveis, dos objetivos produtivos e da dinâmica do mercado. O uso de cruzamentos entre raças, especialmente entre matrizes rústicas e reprodutores especializados, também representa uma alternativa eficiente para aliar produtividade e adaptabilidade. Com planejamento adequado e orientação técnica, é possível formar rebanhos que atendam às exigências do sistema produtivo e proporcionem segurança econômica ao criador.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Criação de ovinos de corte: critérios para escolha de raças e sistemas de produção*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2021.

SANTOS, M. V.; LOPES, J. B. *Bases para seleção de raças ovinas conforme clima, manejo e mercado*. Teresina: EDUFPI, 2020.

SILVA, F. A.; COSTA, R. G. *Genética e manejo em ovinocultura de corte: teoria e prática*. João Pessoa: UFPB, 2019.

RIBEIRO, N. L.; OLIVEIRA, M. E. *Sistemas de criação e escolha de raças ovinas no Brasil*. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 49, n. 2, p. 1-13, 2020.